

PARA REDUZIR UNIÕES PREMATURAS

Raparigas defendem acesso à informação

ALUNAS da Escola Primária Completa Unidade 10, no bairro Xipamanine, na cidade de Maputo, pediram há dias uma maior divulgação dos direitos da rapariga, como um dos passos para reduzir o índice de casamentos prematuros.

Durante um debate alusivo às comemorações do Dia Internacional da Rapariga, que se assinalou a 11 de Outubro, as meninas mostraram-se preocupadas com uniões de menores, o acesso à educação de qualidade e o assédio sexual nas escolas.

O evento foi organizado pela Associação para o Desenvolvimento Juvenil (Khandlelo), sob o lema “Por uma Rapariga, Integrada, Participativa e com Valores”.

Aldino Zondelane, representante da Khandlelo, disse que a iniciativa pretende contribuir para a protecção da rapariga e conduzir à redução dos riscos de casamentos prematuros no percurso do seu desenvolvimento.

Defendeu que o Governo deve investir na educação e empoderamento da rapariga, desenvolvendo estratégias para pôr fim às uniões prematuras e



C. LIQUEIRO

Raparigas pedem divulgação dos seus direitos

gravidezes precoces.

No encontro, as raparigas defenderam que o estabelecimento de um diálogo permanente entre pais e filhas sobre saúde sexual e reprodutiva pode reduzir o índice de gravidezes precoces e a desistência escolar.

Leila Pelembe, aluna de 13 anos de idade, lamentou a atitude de alguns pais que optam por entregar as suas filhas para se casarem antes dos 18 anos como pagamento de dívidas ou por questões ligadas a tradições

nocivas.

“Quando os pais deixam as meninas casarem cedo, muitas abandonam a escola para cuidarem do marido e filhos. Pondo em causa o seu futuro, que podia ser brilhante”, disse.

Em Moçambique, estima-se que 48 por cento de raparigas casam antes dos 18 anos e 15 por cento antes dos 15. Estes índices fazem com que o país esteja na nona posição na lista dos países com maior prevalência de casamentos prematuros.